



1961 - Trabalho Completo - XII ANPEd-SUL (2018)
Eixo Temático 01 - História da Educação

DO LUGAR HABITADO AO ESPAÇO DE FORMAÇÃO: a Casa do Estudante Universitário Aparício Cora de Almeida (1963-1981)
Marcos Luiz Hinterholz - PPGEDU/UFRGS

Este artigo analisa, na perspectiva da história das instituições educativas, a Casa do Estudante Universitário Aparício Cora de Almeida (CEAUCA), organização autônoma de moradia fundada por estudantes em Porto Alegre-RS no ano de 1934. O estudo tem como documentos privilegiados as narrativas de memória de oito antigos moradores, além de periódicos, imagens, estatutos e regimentos internos. Buscou-se uma noção ampliada do processo educativo, para além da escolarização, especialmente interessada em analisar práticas e saberes de sujeitos que habitaram esta coletividade na temporalidade 1963-1981. A partir destas memórias e demais documentos, foi possível pensar a moradia estudantil como um espaço de múltiplos atravessamentos culturais, de organização social e de experiências de formação.

INTRODUÇÃO

Este texto é fruto de um estudo que tematizou memórias da Casa do Estudante Universitário Aparício Cora de Almeida (CEAUCA), localizada em Porto Alegre/RS. Pode-se dizer que as moradias estudantis, em suas dimensões educativas/formativas, situam-se em meio às brumas do esquecimento, pois ainda encontram-se invisibilizadas na historiografia da educação. Com o intuito de lançar luz a essas memórias, a pesquisa elegeu como documentos privilegiados narrativas orais de antigos moradores. De modo complementar, articulam-se notícias veiculadas na imprensa local, fotografias, bem como os estatutos e regimentos internos da Casa.

O conceito de instituição educativa de Justino Magalhães (2004) atravessou a investigação. Trabalha-se aqui com uma noção ampliada do processo educativo, para além da escolarização, interessada em buscar, por meio da construção de uma história desta organização, práticas e experiências dos sujeitos habitantes, bem como analisar os modos como a experiência de moradia estudantil é significada pelos entrevistados.

A fundação da CEUACA remonta a 1934, quando um grupo de estudantes da Faculdade Livre de Direito^[1] cria o movimento Pró- Casa do Estudante Pobre, articulando acadêmicos de distintos cursos e diversas instâncias do poder público e da sociedade civil, afim de arrecadar fundos para o projeto. Em seus primórdios, a história da instituição é marcada por sucessivas mudanças de sede, visto tratarem-se de imóveis que, via de regra, eram cedidos ou alugados. No ano de 1944, a família de Aparício Cora de Almeida realiza a doação de um amplo prédio para a entidade, situado na região central de Porto Alegre^[2]. Tratava-se de um ato simbólico em memória do jovem Aparício, morto em 1935, em circunstâncias nunca muito bem esclarecidas, mas com fortes indícios de assassinato político. O mesmo era militante da causa estudantil e secretário da Aliança Nacional Libertadora^[3].

Por mais de 80 anos, a CEUACA mantém-se em atividade, funcionando como uma espécie de cooperativa estudantil, sem vínculo com nenhuma instituição de Ensino Superior. Os próprios moradores são os responsáveis pela administração da Casa e captação dos recursos financeiros que permitem o seu funcionamento.

Esta organização estudantil é agora inscrita como objeto de estudo no campo da História da Educação, tendo por fio condutor o conceito de instituição educativa (Magalhães, 2004). Trabalha-se aqui com uma noção ampliada do processo educativo, para além da escolarização, interessada em buscar, por meio da construção de uma história desta instituição, práticas e experiências dos sujeitos habitantes, bem como analisar os modos como a experiência de moradia estudantil é significada pelos entrevistados.

Segundo Magalhães (2004), as sociedades comportam formas educacionais diferenciadas e hierarquizadas, como a família, a tribo, as escolas, as confrarias, os partidos políticos, as empresas, associações, entre outras. Para o autor, o sistema educativo, por sua vez, seria um todo mais amplo, que comporta e integra as diferentes instituições educativas. Cada uma destas instituições é possuidora de uma realidade institucional, ou seja, atores sociais, condições materiais e financeiras, produtos materiais e simbólicos, identidades, processos e contextos históricos e políticos nos quais nascem, se mantêm ou se extinguem.

Nossa aproximação com alguns dos elementos históricos da organização estudantil CEUACA, a manutenção autônoma de seu complexo sistema de assistência estudantil por meio de um modelo autogestional, sua localização no espaço social da cidade de Porto Alegre, a partilha de um lugar em comum entre diferentes estudantes, dentre outras características da Casa, nos fizeram crer na potencialidade de pensá-la como uma instituição educativa e como objeto de estudo do campo da História da Educação. Algumas questões centrais passaram a pautar a investigação: Quais sentidos os antigos moradores atribuem a esta experiência de vida? Como inscrevem a Casa em suas biografias?

Assim, no período compreendido entre setembro de 2015 e março de 2017, foram realizadas um total de oito entrevistas com antigos moradores. Buscou-se localizar os mais antigos, homens em torno dos 60, 70 ou 80 anos de idade. Estes, portanto, teriam habitado a Casa nas décadas de 1960 ou 1970. Os caminhos desta busca foram bastante variados: vídeos localizados na Internet, que traziam depoimentos sobre a instituição; coleta de nomes de moradores no acervo da Casa^[4]; a ajuda de amigos que souberam da pesquisa; indicações pelos próprios entrevistados, na medida em que a pesquisa se desenvolvia.

As entrevistas realizadas para esta pesquisa seguiram um modelo semiestruturado, privilegiando o fluir da memória. As questões estiveram concentradas em torno de três eixos: o itinerário de vida do entrevistado antes de entrar na Casa, suas experiências durante a vivência na instituição e por fim o seu percurso pós-CEUACA. Como a pesquisa buscou valorizar as memórias das experiências daqueles que narram, a temporalidade foi definida cronologicamente, considerando o ingresso na Casa do entrevistado mais antigo (Waldomir, 1963) e a data de saída do entrevistado mais recente (Nivaldo, 1981). A ausência de mulheres está relacionada ao fato de que até 1987 a casa era destinada apenas a moradores do sexo masculino. O quadro abaixo apresenta os narradores desta pesquisa:

Nome	Profissão	Idade	Período de CEUACA	Cidade de origem
Edson Canabarro	Professor da rede estadual	74	1968-1972	Quarai/RS
Flávio Scholles	Artista Plástico	66	1971-1972	Morro Reuter /RS
João Pedro Stédile	Economista e líder do MST[5]	63	1972-1975	Lagoa Vermelha/RS
Nereu Lima	Advogado	70	1965-1970	Lagoa Vermelha/RS
Nivaldo Cunha	Engenheiro Eletrônico	60	1976-1981	Dourados/MS
Paulo Guimarães	Corretor de Imóveis	62	1974-1979	Passo Fundo/RS
Rui Adolfo Kirst	Advogado	71	1968-1969	Estrela/RS
Waldomir Gonçalves	Dentista	78	1963	Rio Grande/RS

Tabela 01: Relação de entrevistados.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Essas narrativas fizeram emergir oito itinerários singulares, mas com pontos em comum: jovens de classes economicamente empobrecidas que se deslocaram de regiões interioranas para Porto Alegre, em busca de oportunidades de formação e profissionalização.

Ao analisar estes relatos, vê-se que, para muitos deles, estar na escola, por diferentes motivos, foi difícil, o que se tinha, quando muito, era o acesso ao ensino primário. Entretanto, é recorrente em suas falas a “vontade de estudar”. Sobre as lembranças da escolarização, Edson conta: “A mãe queria nos colocar na escola, mas lá onde morávamos não tinha escola. Só o professor Caravaca, que ele me alfabetizou em 15 dias, porque a mãe já tinha me ensinado as primeiras letras”[6]. Flávio considerou como fatores decisivos para permanecer na escola as políticas de fomento à educação do governo de Leonel Brizola e a passagem pelo seminário de uma congregação religiosa[7]. As influências da Igreja Católica na escolarização de alguns destes sujeitos faz-se notar. Além de Flávio, Nivaldo e João Pedro narram histórias semelhantes.

Nivaldo relatou ter sido acolhido por padres em uma casa de retiros em Santa Maria-RS, logo que chegou do Mato Grosso do Sul. João Pedro, por sua vez, atribuiu o desejo de estudar à influência dos seus tios padres da ordem dos capuchinhos, que o levaram para Porto Alegre, o auxiliaram a conseguir um emprego e acomodar-se em uma outra Casa de Estudantes, antes de ingressar na CEUACA. De modo distinto, Rui, por não querer seguir a formação como pastor luterano desejada pela família, aventurou-se em Porto Alegre, onde viria a cursar Direito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Waldomir desembarcou na capital com o objetivo de matricular-se no Colégio Júlio de Castilhos[8], forma que encontrou para preparar-se para o ingresso na UFRGS, no Curso de Odontologia. Esta mesma estratégia foi utilizada por Nereu, que atribui ao Colégio Júlio de Castilhos a boa formação que teve, permitindo-lhe ingressar na Faculdade de Direito da UFRGS. Paulo, por sua vez, conta que a sua ida para Porto Alegre foi uma verdadeira aventura, pois não tinha nenhuma referência nesta cidade, tendo chegado com muito pouco dinheiro, sem saber onde ficar e trabalhar. O seu relato é marcado por situações de fome e sujeição a trabalhos árduos, como o descarregamento de caminhões.

Todas estas narrativas trouxeram uma ideia de superação e de formação, indicando algumas das estratégias sociais utilizadas por estes jovens no percurso que os levou ao Ensino Superior. São homens que subverteram os destinos reservados a sua origem social. O ingresso no Ensino Superior, no entanto, não seria motivo de calma, e novos engenhos foram necessários para o grupo social em questão. É a CEUACA que agora parece apresentar-se como uma instituição fundamental para a inserção destes estudantes, um porto seguro, um esteio. É o que em diferentes momentos e de diferentes formas as narrativas evidenciaram.

A intenção de investigar esta Casa como uma forma de organização estudantil e as suas implicações nas memórias sobre o percurso formativo desses moradores, encontrou ancoragens na metodologia da História Oral, que adquiriu certa centralidade no dispositivo da pesquisa. Ao refletir acerca da produção de narrativas a partir desta metodologia, percebe-se que a evocação de memórias tem o poder de ultrapassar os limites da experiência imediata. Neste sentido, postula-se que o significado da experiência da moradia estudantil e sua capacidade de produzir marcas nos sujeitos que as habitaram. Tal experiência pode prolongar-se no tempo, compondo o que poderíamos chamar de marcas de longa duração.

Trabalhar com memórias é, conforme Bosi (2012), interessar-se por aquilo que foi lembrado, pelo que foi escolhido para perpetuar-se na história de vida dos sujeitos. Esta ideia guarda o sentido da relação que se manteve com os documentos orais desta pesquisa. Buscou-se alcançar dimensões simbólicas que permitissem interpretar alguns significados que o referido grupo social confere a esta moradia coletiva. Procurou-se identificar modos como tal realidade social foi e continua a ser construída, pensando a articulação entre discursos e práticas sociais. Esta foi a ideia de representação com a qual o estudo manejou as fontes e compôs as categorias aqui apresentadas. Foram contemplados aspectos relativos a complexa engrenagem de autonomia e autogestão que mantem a Casa em funcionamento e o espaço social ocupado pela instituição no centro da cidade de Porto Alegre.

Assim foi tramada a narrativa historiográfica que ora se apresenta, buscando compor faces da história de uma instituição, em que se enredam espaços, tempos, memórias individuais e coletivas, contextos históricos, narrativas de si e do outro, todos esses elementos interligados ao quadro de um sistema educativo mais amplo, no qual a Casa do Estudante Aparício Cora de Almeida estava inserida. Uma vez anunciadas a forma como a pesquisa produziu e trabalhou as fontes, o texto segue para as referidas análises. Neste processo de tessitura de uma história da instituição CEUACA, esta organização estudantil complexifica-se, revelando experiências que vão muito além de um morar.

AS ENGENHAGENS DE UMA AUTONOMIA E AUTOGESTÃO

Ao longo da pesquisa, as características de autonomia e autogestão da CEUACA mostraram-se centrais para as análises construídas. Ao se apresentarem os modos como a Casa foi organizada e sua complexa engrenagem de funcionamento, procura-se interpretar alguns elementos da dimensão educativa que entendemos haver neste espaço de sociabilidades.

Manter esta ampla rede de assistência estudantil - que oferecia serviços como restaurante universitário (servindo três refeições diárias), gabinete odontológico, biblioteca, consultório médico e serviço de barbearia[9] - exigiu que fossem instituídos regulamentos, hierarquias, instâncias deliberativas e executivas. O órgão máximo era Assembleia Geral, composta por todos os moradores efetivos, estando abaixo dela o Conselho Deliberativo e o Conselho Fiscal. Havia ainda a figura de um Presidente, eleito pelo conjunto dos moradores, para o mandato de um ano, além de uma Diretoria Executiva e 12 departamentos responsáveis por serviços que poderiam ir desde uma obturação dentária até a manutenção do prédio sede. Cada departamento possuía a figura de um Coordenador, e todos os moradores que não estivessem em cargos executivos ou deliberativos, deveriam trabalhar em um destes departamentos. Quando Paulo recebeu-me para a entrevista, assim lembrou a organização da Casa:

Tinha a parte executiva da Diretoria, a parte que executava as questões. E o Conselho, que resolvia as brigas, as pendengas. E por último, a poderosa Assembleia Geral, que resolvia tudo e desmanchava tudo. Desmanchava até as decisões da Diretoria e do Conselho Deliberativo! E aí, grandes embates políticos né, noites, geralmente acontecia nos fins de semana, até altas horas da madrugada, discussões homéricas! (...) Por isso, muitos saíram dali escolados para as questões políticas. Já tiveram uma escola especial ali na Casa (Paulo, em 08/10/2015).

Figura 01 :Organograma da CEUACA conforme estatuto vigente na década de 1970.



Fonte: Elaborado pelo autor

Na refiguração desta cena, os elementos que caracterizam e legitimam o entendimento da CEUACA como instituição educativa vão se fazendo mais claros, à medida em que nela observamos estas possibilidades de "socialização, formação de hábitos, mudanças de atitudes e interiorização de valores" (MAGALHÃES, 2004, p.145). Ao dizer que os moradores saíam da Casa "escolados para as questões políticas" o enunciado de Paulo nos fornece indícios para a leitura das representações recorrentes da CEUACA como espaço educativo. O envolvimento dos moradores, contudo, não se encerrava na participação nas instâncias deliberativas.

O dia a dia da organização institucional impunha um conjunto muito maior de solicitações para que a complexa engrenagem se mantivesse em movimento, pois muitas eram as frentes de trabalho. Edson, Rui e Woldomir lembraram as compras de mantimentos feitas para o Restaurante Universitário (RU). "Havia uma feira ali em frente ao IPE[10], a gente ia lá fazer comprar e entregava o material para as cozinheiras fazerem a comida", [11] narra Edson. Segundo Paulo, havia um bar que era mantido pelos estudantes junto ao RU, como fonte acessória de renda para a Casa, "o bar abria ao meio dia, e tínhamos que estar lá, havia plantões. Os plantões no bar e na reunião dançante eram obrigatórios, os que não cumprissem com os plantões sofriam penalidades"[12].

As reuniões dançantes aconteciam semanalmente e também exigiam trabalho e organização dos estudantes. Fortemente incorporadas à rotina da Casa, foram narradas por todos os entrevistados, que rememoraram episódios nelas ocorridos e nas suas respectivas funções, que iam desde colocar os discos na vitrola até realizar a segurança na porta da Casa. Muitas vezes, a rotina desse estudante trabalhador não se encerrava aos finais de semana, e nem sempre o lar parecia ser sinônimo de descanso.

Aos sábados à noite havia um baile lá em cima naquele salão. Tinha-se que trabalhar, era obrigado trabalhar, havia escala. Trabalhei na chapelaria um tempo, todos os sábados. Guardava as bolsas das moças e os casacos e tinha que ficar até o final do baile. Depois passaram a me escalar no bar, que havia no térreo. Trabalhava-se das 22h às 2h. No salão, havia o colega que colocava discos LP na vitrola, tocando músicas de todos os tipos. Entrada era cobrada para os de fora, era uma forma de conseguir recursos para a Casa. (Rui, em 17/02/2017).

Mais do que cumprir as escalas de trabalho interno da Casa, estes estudantes, em muitas ocasiões, mobilizaram sua engenhosidade na solução de problemas que iam identificando e pondo em prática conhecimentos relacionados aos seus campos de formação. As narrativas são marcadas por relatos de experiências as mais diversas. A fala de Waldomir, aluno do Curso de Odontologia, que trabalhou no gabinete odontológico da CEUACA, nos dá uma dimensão das intercorrências cotidianas que iam demandando soluções por parte dos moradores:

Ali na Casa sempre teve o problema da falta de verba. Tanto que tinha um raio-X no gabinete odontológico e não funcionava porque não tinha como revelar. Então eu pensei em montar um quatinho de revelação. (...) Eu tinha um colega que fazia Engenharia Mecânica, que já estava fazendo estágio em uma firma. Eu consegui uma bateria de três compartimentos, uma bateria de chumbo e pedi para ele tirar a parte de cima, ficando um vaso de três lugares. Então em um compartimento eu colocava o revelador, no outro água e no outro o fixador. Depois, fui até a Casa das Lâmpadas e, com o meu dinheiro, comprei uma lâmpada vermelha. Isto tudo eu fiz em um banheiro que estava desativado, que se tornou o meu quatinho de revelação de raio-X. (Waldomir, em 08/04/2017).

Figura 02: Gabinete Odontológico da Casa do Estudante.



Fonte: Arquivo da CEUACA

Questionado sobre quais serviços odontológicos eram realizados neste gabinete e se havia alguma supervisão, posto ainda não estarem formados como dentistas, Waldomiro responde que o trabalho ocorria sem nenhuma supervisão, de forma autônoma. Mais uma vez fazem-se notar elementos que atribuem oportunidades de formação naquele espaço, onde alguns estudantes poderiam exercer práticas relacionadas à sua futura profissão.

Não havia supervisão. Éramos só nós, era a gente que fazia a coisa. Fazíamos restaurações, extrações, tratamento de canal. Isso também era uma complementação do que nós estudávamos, uma maneira de fazer prática. Ali na Casa a gente atendia, além dos moradores, os familiares dos funcionários e alguns comensais que nos descobriam e a gente também dava oportunidade de serem atendidos. (Waldomir, em 08/04/2017).

Ainda em relação às estratégias para a arrecadação de dinheiro, os relatos indicam que os recursos levantados com as reuniões dançantes e com as vendas no bar, ficavam aquém dos gastos com a manutenção das três refeições diárias oferecidas aos moradores e do pagamento de uma equipe de funcionárias da cozinha e lavanderia. Por esta razão, dizem que estes recursos eram pleiteados de diferentes modos: junto à Reitoria da UFRGS, à políticos com mandatos eletivos nas instâncias estaduais e federais, entre outras formas. “Tínhamos que estar sempre correndo atrás do Governo do Estado, Governo Federal, Brasília, para arrumar alguma *verbinha* para completar”^[13], conta Paulo. Os moradores explicam que estas tratativas e negociações com agentes públicos traziam no seu encaixe uma série de outras experiências de vida, como nos narra Nereu, que fez sua primeira viagem ao Rio de Janeiro em uma destas buscas por verbas:

Numa Assembleia Geral incumbiram-me de ir, pela primeira vez, eu nem conhecia o Rio de Janeiro, ao Ministério da Educação, presumo que seja em torno de 1967 por aí, no governo Costa e Silva, era o Tarso Dutra o Ministro. Então ali, para fazer uma média, eu fui lá reivindicando, demonstrando a nossa situação, e tivemos sorte! Ele nos doou na época, lembro como se fosse hoje, em torno de 30 mil Cruzeiros, o que era muito dinheiro. Ele chegou até a vir, a fazer uma visita à Casa, conhecer o pessoal (Nereu, em 19/11/2015).

Neste excerto da entrevista, é possível inferir algumas das habilidades políticas necessárias a estes jovens que mantinham a Casa funcionando, e indica que a busca por recursos não se encerrava no ato de sua petição e posterior recebimento do dinheiro. Era preciso externar o agradecimento, retribuir, permitindo que a CEUACA fosse palco de outros interesses, neste caso, o da construção de uma boa imagem para o Ministro da Educação, Tarso Dutra^[14]. Se era autônoma e autogerida, a Casa não estava fechada em si mesma, pois interagira fortemente com o mundo social do entorno e diversas instâncias de poder. Para além destas estratégias mais formais e explícitas, havia outras, como a deste interessante relato:

Nós tínhamos um truque: fazíamos uma faixa escrito “A CEUACA vai fechar por falta de verbas!”, “Estudantes pobres moram aqui!”. Depois telefonávamos para a imprensa e dizíamos: “olha, nós vamos colocar uma faixa aqui na frente da Casa”. Ai o que acontecia, a imprensa que já estava chegando, tirava a foto e a polícia vinha atrás e já tirava o cartaz. E assim nós levamos... (Edson, em 08/03/2017).

Além de notar o espaço que a causa da moradia estudantil conseguia junto à imprensa diária, aqui se faz importante observar mais uma vez a presença do discurso sobre estes lugares como espaços de formação humana e de amadurecimento. Campos (2009) discute a força persuasiva dos periódicos, formadora de opiniões e representações coletivas, aspirações e crenças. Segundo a autora, “todo texto, impresso em jornal ou não, é, em si, coercitivo, educativo, pois objetiva convencer de alguma maneira o leitor.” (2009, p.18). Esta ideia do periódico como um repositório da memória social deve ser levada em conta para a leitura sobre as muitas representações da CEUACA como um espaço formativo, pensando que, para além das experiências em si mesmas, havia outras forças em relação, construindo valores partilhados, como se pode ler nos dois excertos abaixo.

A Casa do Estudante é uma escola de humanismo. Não ensina a ciência, mas lá se ensina a viver. O jovem cru em relações coletivas, muitas vezes escorado pela personalidade paterna, terá de lutar por uma afirmação dentre os que o cercam. (...) (Diário de Notícias, 08/04/1967).

Quando atingir o último ano, o estudante estaria preparado para enfrentar o mundo. A gratidão jamais fica esquecida. Serve de exemplo o caso do ex-presidente da Casa, Antônio Mulhem, que hoje presta cuidados a dona Antoninha, como é conhecida a doadora do prédio onde funciona a entidade. (Diário de Notícias, 14/04/1968).

Como se pode perceber até aqui, tanto nas fontes orais, quando nos documentos da imprensa local, há um discurso marcado sobre as experiências proporcionadas pela CEUACA, associando-a a um espaço de aprendizagens e amadurecimento pessoal e coletivo. Dando seguimento a esta análise da Casa do Estudante como instituição educativa, passa-se a pensar a sua inserção num espaço social, a cidade de Porto Alegre, e as formas como a organização estudantil e seus moradores afetam e são afetados neste espaço.

UMA CASA, UM ESPAÇO SOCIAL

Outro aspecto importante na análise da CEUACA e recorrente nas narrativas foi sua localização no Centro Histórico de Porto Alegre. Na temporalidade abarcada neste estudo, o endereço da instituição estava localizado a uma quadra do maior núcleo de poder do Estado, representado pelo Palácio Piratini, sede do governo gaúcho, da Assembleia Legislativa, da Catedral Metropolitana e muito próximo à simbólica Esquina Democrática^[15]. Além disso, encontrava-se a um passo de toda uma estrutura urbana que envolvia centros culturais, comerciais e de serviços. Nas décadas de 1960 e 1970 este espaço comportava um grande número de sociabilidades, muitas das quais hoje parecem ter-se deslocado para outros bairros ou para dentro dos *shopping centers*.

Nesta intenção de valorizar o contexto no qual uma instituição educativa está localizada, é potente a referência de Bosi (2012) ao dizer que “as lembranças se apoiam nas pedras da cidade”. A autora está a destacar que a vida do grupo é estreitamente ligada à morfologia da cidade.

Desde modo, o endereço da CEUACA no Centro Histórico de Porto Alegre ultrapassa as dimensões de uma localização no ponto fixo de um mapa. Ela integra-se a um espaço socialmente construído e inscreve-se numa teia móvel de valores, circunstâncias e temporalidades.

Rui, que morou na Casa nos anos de 1968 e 1969, recorda que “havia cinemas enormes, com filas e filas” no centro da cidade e que aos sábados à tarde e à noite “o povo seguia todo para o centro, para caminhar, para ver as lojas”. Lembra-se ainda que era uma tradição comprar o “Correio do Povo, edição de domingo, ainda quente, ou seja, recém-saído das máquinas”. Conta que durante o período da ditadura civil militar, “como a Casa ficava no centro, os tumultos e os corre-corres aconteciam na rua que passa pela frente do prédio”. São memórias de um tempo em que a região central de Porto Alegre comportava outras sociabilidades.

Por meio desta narrativa, podemos imaginar o jovem do interior, em sua maioria oriundos de camadas populares, ao ingressar no círculo universitário e na nova urbe, tentando inscrever-se nela. Como não se perder nesta cidade que parece querer engolir-nos? Como comportar-se? O que fazer? Quais lugares são permitidos? Quais são interditados?

Esta localização central, mais do que ter contribuído na mobilidade de seus moradores, parece ter sido decisiva para fomentar estratégias de manutenção financeira da instituição, por facilitar o acesso do público externo ao Restaurante Universitário e à reunião dançante por ela mantidos.

Waldomir lembra que “muitos estudantes que não eram moradores, os chamados comensais, preferiam almoçar no restaurante da Casa por causa da sua localização, pois trabalhavam e estudavam no centro”^[16]. Quanto às reuniões dançantes, Nivaldo lembra que “na época havia as boates da moda que eram caras e isolavam pelo estrato social. Como os preços dos ingressos para a festa da CEUACA eram mais acessíveis, a boate era sempre lotada, sempre cheia, atraindo um público de classe média para baixo”.

Igualmente importante é perceber nestas narrativas que a Casa acabou sendo utilizada por outros grupos além dos moradores. Há que se notar que, ao mesmo tempo em que era afetada de múltiplas formas por este espaço urbano, também lhe instituiu determinadas dinâmicas e sociabilidades. Conforme lembra Magalhães (2004), ao passo que as instituições transmitem culturas, também as produzem, e as especificidades destas concorrem para a formação da identidade histórica de uma instituição.

Mas quão difícil é decifrar o espaço social de uma cidade! Para percebê-la como um todo coeso seria preciso sair dela, observá-la do alto e “ser apenas este ponto que vê”. Mas isto é uma “ficção do saber” (CERTEAU, 1996, p.170). Os praticantes ordinários da cidade, que por ela caminham e a experimentam, “escrevem um texto urbano sem poder lê-lo” (CERTEAU, 1996, p.171). Se é hercúlea esta tarefa de representar o estudante que vai enredando-se nesta trama cidadina, a memória dos antigos moradores da Casa nos permite ao menos tentar imaginar um pouco do sabor desta experiência. As lembranças de Nivaldo nos conduzem:

Eu me recordo que a gente costumava andar pela cidade... Naquela época ainda havia o Treviso ali no Mercado Público, um bar que praticamente virava a madrugada, onde as pessoas iam para tomar sopa. E mesmo os estudantes conseguiam ir. A gente andava pelo centro da cidade sem nenhum medo. Também muito comum naquela época, depois do almoço, a gente ir até o Café Rian para tomar um cafezinho (Nivaldo, em 18/04/2017).

Pouco a pouco, da escuta destas memórias, que num primeiro momento poderiam parecer mera nostalgia de uma Porto Alegre que parece já não mais existir, vão emergindo elementos que nos ajudam a melhor dimensionar os espaços ocupados pela Casa. Se a CEUACA, em si mesma, fez parte da estratégia de permanência na Universidade do grupo social em questão, muitas outras situações iam demandando a engenhosidade do estudante que se inseria, aos poucos, numa nova cultura. É um lugar de transição, marcado por ambivalências. Há um processo de ascensão social em curso. O relato de Waldomir, que morou na Casa em 1963, torna mais nítida esta ideia:

Naquela época, nos cinemas de calçada, a gente não podia entrar sem fatiota e gravata. Tinha que ser casaco, gravata e camisa de colarinho. E nós estudantes entrávamos lá, um jogava o casaco e a gravata lá de cima. Eu me lembro que uma vez eu fui num cinema que tinha ali na av. Borges de Medeiros e o cara jogou a fatiota de lá de cima para mim. (Waldomir, em 08/04/2017).

Há outro importante aspecto a considerar sobre este estudante que usou, circulou e sentiu a cidade: ao entrar em Casa, ele não deixava de imediato a esfera pública. Seu lar era repleto de instâncias coletivas, de espaços de disputas e de partilha. As Casas de Estudante são marcadas pelo uso de espaços em comum, como a sala, a cozinha e os quartos. É aí que os jovens se encontram para conviver e tratar de assuntos os mais diversos. João Pedro recorda os músicos que tocavam na Casa e a realização de saraus. “A CEUACA me ajudou no meu processo de formação cultural”, relembra. Também falou de uma espécie de “clube do cinema” que havia na Casa: “Como ali no centro tinha muitos cinemas nós íamos muito e depois debatíamos os filmes, dávamos dicas, havia muito debate em torno dos filmes”^[17].

Um outro elemento que permite pensar um caráter formativo da CEUACA foi a existência de uma biblioteca em suas dependências. Os títulos de periódicos e livros contidos neste espaço nos dão ideia de alguns dos discursos jornalísticos e literários que circulavam no interior da Casa. Os relatos dão conta de que a CEUACA mantinha a assinatura dos principais jornais do país e do estado do Rio Grande do Sul, além de adquirir publicações censuradas pela Ditadura.

Como se pode perceber, os contextos geográficos, sociais e culturais nos quais as instituições educativas estão inseridas, interferem no quadro da organização institucional e nas experiências vividas pelos sujeitos que habitam estes espaços. A localização central da CEUACA parece ter facilitado a inserção deste estudante de baixa renda no círculo universitário, permitindo que tivessem facilitadas experiências culturais e formativas diversas. Ao mesmo tempo, revelou-se importante no histórico institucional, onde ficou perceptível a utilização desta localização privilegiada para as estratégias de manutenção da Casa. Olhar para os movimentos de ingresso e afirmação do grupo em análise no Ensino Superior permitiu perceber um pouco da complexa relação entre uma pessoa e o mundo físico e social e as múltiplas formas de significá-la.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reminiscências utilizadas como fontes para este estudo estiveram fortemente marcadas por representações da Casa como espaço de aprendizagens e amadurecimento, muitas delas associadas às características do modelo de administração e captação de recursos da entidade. Paralelamente, foi possível notar a presença de tais discursos nos periódicos analisados, fatores que também podem ter colaborado na amplificação de uma ideia sobre a Casa como proporcionadora de experiências educativas. Pensar a CEUACA como instituição educativa deu a ver o desempenho de uma série de papéis por parte de seus moradores no âmbito institucional, as experiências a elas relacionadas, as habilidades e estratégias políticas necessárias nas articulações em busca de recursos financeiros junto a diferentes esferas de poder.

Ao buscar refletir sobre o espaço social no qual a Casa do Estudante estava situada, pensando as experiências narradas por aqueles sujeitos enquanto habitantes do centro de Porto Alegre e suas interações com o entorno, foi possível identificar que esta localização parece ter colaborado no processo de inserção deste estudante oriundo de camadas populares no novo círculo sociocultural, pelo acesso facilitado a cinemas, cafés e toda uma estrutura de serviços disponíveis no centro da cidade.

O esforço explicativo deste estudo esteve centrado em torno da ideia de que as Casas de Estudante são organismos vivos, produtoras e transmissoras de culturas, que inscrevem seus moradores numa dinâmica institucional, num espaço social, numa rede de relações,

ultrapassando os limites de uma experiência passageira. São capazes de produzir marcas de longa duração nos sujeitos que as habitaram e que agora as elaboram e significam de muitas maneiras. Um espaço de organização estudantil, de circulação de ideias e de contatos culturais que interpelam este estudante e demandam-lhe respostas e reações de toda ordem.

REFERÊNCIAS

- Bosi, E. (2003). *O Tempo Vivo da Memória: Ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- Bosi, E. (2012). *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Burke, P. (2008). *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Zahar.
- Campos, R. D. (2009). *Mulheres e crianças na imprensa paulista, 1920-1940: educação e história*. São Paulo: Ed. UNESP.
- Certeau, M. (2013). *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária.
- Certeau, M. (1997). *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Certeau, M., Giard, L., & Mayol, P. *A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Chartier, R. (2008). A história: a leitura do tempo. In *Fronteiras do Pensamento*. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 163-178.
- Chartier, R. (1990) *A História Cultural: Entre Práticas e Representações*. Lisboa: DIFEL.
- Errante, A. (2000) Mas Afinal, A Memória é de Quem? Histórias Oraís e Modos de Lembrar e Contar. In *História da educação*, (8), 141-174.
- Franco, S. C. (2006). *Guia Histórico de Porto Alegre*. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS.
- Froehlich, C. A. (1995). *A Boca do Céu: Edifício-Desafio*. Santa Maria, RS: Palloti.
- Halbwachs, M. (2003). *A Memória Coletiva*. São Paulo, SP: Centauro.
- Hall, S. (1997). A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. *Educação & Realidade*. 22 (2), 15-46.
- Hinterholz, M. L. (2016). Táticas e Marginais: memórias das Casas de Estudante autônomas de Porto Alegre e as possibilidades para a História da Educação. *Revista História da Educação* (21), 435-448.
- Kaufmann, J.C. (2013). *A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.
- Magalhães, J. P. (2004). *Tecendo Nexos: história das instituições educativas*. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco.
- Memorial Descritivo da prefeitura de Porto Alegre. Disponível em: <http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/smc/usu>.
- Menezes, U. (1992) A História cativa da memória: para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. *Revista Inst. Est. Bras*
- Müller, D. M., & Souza, C. F. (2007) *Porto Alegre e sua evolução urbana*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- Martins, E. (1989). *Um depoimento político*. Porto Alegre: Pallotti.
- Pesavento, S. J. (2008). Fronteiras da história: uma leitura sensível do tempo. In *Fronteiras do Pensamento*. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 179-190.
- Prata, M. A. C. (2002). *Academia de Coimbra (1880-1926): contributo para a sua História*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Pollak, M. (1992). Memória e Identidade Social. In *Estudos Históricos*. 5 (10), 200-212.
- Quadros, C. (2003). *As brizoletas cobrindo o Rio Grande: a educação pública no Rio Grande do Sul durante o governo de Leonel Brizola (1959 – 1963)*. Santa Maria: Editora UFSM.
- Ricouer, P. (2007). *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.
- Rüdiger, F. (2003). *Tendências do jornalismo*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS.
- Silva, Â. R. P. (org.). (2004). *As Casas de Estudante da UFRGS*. Porto Alegre: UFRGS.
- Torres, A. S. (1999). *Imprensa: política e cidadania*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Vidal, D. (1998). A fonte oral e a pesquisa em História da Educação: algumas considerações. In *Educação em Revista*, (27) 7-16.

Notas:

[1] A Faculdade Livre de Direito foi fundada em Porto Alegre, em 17 de fevereiro de 1900. No ano de 1934, passa a integrar a Universidade de Porto Alegre (UPA). Em 1950 é incorporada ao Sistema Federal de Ensino Superior, com a criação da Universidade do Rio Grande do Sul.

[2] Mais informações sobre as origens da CEUACA podem ser obtidas em: Hinterholz, M. L. (2016). Táticas e Marginais: memórias das Casas de Estudante autônomas de Porto Alegre e as possibilidades para a História da Educação. *Revista História da Educação* (21), 435-448.

[3] Ampla frente de esquerda, composta por comunistas, socialistas e antigos tenentes insatisfeitos com os rumos do governo de Getúlio Vargas. Foi oficialmente lançada no Rio de Janeiro, em 30 de março de 1935.

[4] Nos seus mais de 80 anos de existência, a instituição manteve guardados inúmeros documentos, tais como: atas das Assembleias Gerais, atas do Conselho Deliberativo e Conselho Fiscal, documentação contábil, fichas de moradores, estatutos e regimentos internos, correspondências com outras instituições e com o poder público, autobiografias escritas pelos candidatos no momento da inscrição para o processo seletivo de novos moradores, fotografias, livros e revistas, recortes de jornal. Todo este material encontra-se salvaguardado no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

[5] Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

[6] Entrevista com Edson, em 08/03/2017.

[7] Flávio relata ter sido interno no Colégio de freiras do Imaculado Coração de Maria em Dois Irmãos-RS e posteriormente com os padres da ordem dos claretianos, em Esteio-RS.

[8] O Colégio Estadual Júlio de Castilhos (Julinho) é uma das escolas públicas mais tradicionais do Estado do Rio Grande do Sul, tendo sido fundado em 1900, em de Porto Alegre –RS.

[9] Waldomir relata que em 1963 os serviços de atendimento médico e barbearia já não eram mais oferecidos, embora ainda estejam descritos nos estatutos e nos organogramas da Casa.

[10] Instituto de Previdência do Estado do Rio Grande do Sul.

[11] Entrevista com Edson, em 08/03/2017.

[12] Entrevista com Paulo, em 08/10/2015.

[13] Entrevista com Paulo, em 08/10/2015.

[14] Ministro da Educação, de 15 de março a 30 de outubro de 1969.

[15] Esquina no encontro das ruas Borges de Medeiros e Rua dos Andradas Local de grande representação no imaginário popular da cidade de Porto Alegre. A Rua da Praia, uma das formam a esquina, desde o século XIX é ponto tradicional de passeatas e manifestações. Registrou inúmeros atos políticos e artísticos durante os anos de 1970 e em 1982 foi palco do movimento pelas "Diretas Já", ano em que recebeu a denominação "Esquina Democrática". O espaço foi tombado pelo município em 1997. (Fonte: Memorial descritivo da Prefeitura Municipal de Porto Alegre).

[16] Entrevista produzida com Nivaldo, em 18/04/2017.

[17] Entrevista produzida com João Pedro Stédile, em 17/03/2017.